

Condutas Suicidas: Estudo da Prevalência, Fatores de Risco e Prevenção no Meio Acadêmico

Priscila da C. Lima, Priscilla S. Silva e Joicy Mara R. Rolindo
Centro Universitário de Anápolis UniEvangélica

Nota dos Autores

Priscila da Costa Lima, Centro Universitário de Anápolis UniEvangélica; Priscilla Santana Silva, Departamento de Direito, Centro Universitário de Anápolis UniEvangélica e Joicy Mara R. Rolindo, Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica, Departamento de Psicologia.

Agradecimentos ao Núcleo de Pesquisa do Curso de Direito da UniEvangélica (NPDU) em especial à professora e orientadora M.e Priscilla Santana Silva, e às colegas de pesquisa Thamara Lucena Vieira e Valéria Sousa.

Correspondência referente a este artigo deve ser enviada para o Departamento de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, Av. Universitária Km 3,5 Cidade Universitária Anápolis-GO 75070290 Caixa postal 122 ou 901. E-mail: Priscillasantana_@hotmail.com

Resumo

O comportamento suicida pode ser definido como desejo ou ato que busca, intencionalmente, causar dano e conseqüentemente de morte a si mesmo. O presente trabalho tem por tema “a análise de condutas suicidas, considerando prevalência, fatores de risco e prevenção no meio acadêmico”. O objetivo da pesquisa é identificar os possíveis fatores de risco e a existência de políticas de proteção e amparo ao acadêmico no meio universitário. Justifica-se pelo aumento de casos de suicídio envolvendo universitários tendo para tanto a seguinte problematização: há, no meio acadêmico, fatores de risco que podem levar ao adoecimento do estudante e em conseqüência, levá-lo ao suicídio? Há políticas de proteção com o fim de prevenir o ato suicida? Por fim, para que lograsse êxito, o trabalho tem por metodologia a pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e levantamento de dados públicos os quais possibilitaram discorrer acerca da prática de condutas suicidas entre os universitários anapolinos e a sua correlação com situações identificadas como sendo de riscos nesse contexto e os possíveis caminhos para a prevenção. Conclui-se que as ações preventivas no meio acadêmico são insipientes. O suicídio é uma questão complexa e, por isso, as medidas preventivas necessitam ser trabalhadas de maneira interdisciplinar, além da necessidade de adotar políticas institucionais efetivas na prevenção do ato.

Palavras- Chave: Condutas suicidas. Prevalência. Fatores de risco. Prevenção.

Condutas suicidas: Estudo da prevalência, fatores de risco e prevenção no meio acadêmico

A palavra suicídio deriva do latim *sui* (si mesmo) e *caedes* (ação de matar) e significa morte intencional, ato de não dar continuidade à vida. Relatos apontam que o comportamento suicida existe desde os tempos mais antigos da humanidade, tendo mudado apenas a forma como esse ato é encarado (Correa & Barrero, 2006).

Embora não exista uma definição única, o suicídio implica, necessariamente, num desejo de morrer e de assumir o resultado da execução de um ato que retire a própria vida (Araújo, & cols., 2010). “O suicídio é um gesto de comunicação e, ao mesmo tempo, de falta de comunicação, de recusa e de surpresa” (Fukumitsu & Scavacini, 2013). As autoras Fukumitsu e Scavacini ainda ressaltam que “existe uma interação entre fatores psicológicos, psiquiátricos, econômicos, culturais, religiosos que devem ser levados em consideração”.

Os motivos que podem levar ao ato suicida podem ser tanto de natureza coletiva e social, bem como individual ao ser considerado um transtorno da saúde do indivíduo, sendo analisado apenas clinicamente e visto como problema exclusivo de saúde (Ribeiro & Moreira, 2018). Porém Durkheim defende que, apesar de o suicídio ser um ato individual, o processo é de cunho social, agindo não somente sobre os indivíduos isolados, mas sobre o grupo como um todo (Durkheim 1982).

Para a OMS (Organização Mundial de Saúde), o suicídio, cujas causas, sintomas e fatores de prevenção são considerados de alta complexidade, tem repercutido na saúde pública. “O suicídio é um grave problema de saúde pública e sua prevenção deve ser prioridade” (OMS, 2018). Cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos. O Brasil é o oitavo país com maior número de suicídios no mundo. Dados apontam que nove a cada dez casos de suicídio poderiam ser prevenidos (OMS, 2018).

A cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo, sendo a segunda causa de morte entre jovens 15 a 29 anos, faixa etária essa a de estudantes universitários; esses dados alarmantes mantêm crescimento (OMS, 2018). Diante de toda essa realidade, levantou-se a seguinte problematização: há, no meio acadêmico, fatores de risco que podem levar ao adoecimento estudante e, em consequência, levá-lo ao suicídio? Há políticas de proteção nas Instituições de Ensino Superior (IES) com o objetivo de prevenir o ato suicida?

Buscando responder essas questões, a presente pesquisa aborda os fatores de risco e proteção e sua importância para a prevenção do ato suicida no meio acadêmico, para tanto, fundamenta-se na linha de pesquisa: Direitos Humanos e Práticas Psicológicas: princípios

norteadores com ênfase na prevenção ao suicídio, a fim de elaborar práticas para a prevenção ao ato.

Prevalência e fatores de risco ao suicídio

O número crescente de casos envolvendo suicídio no país incita a reflexão acerca do resgate à vida, nos termos do que propõe a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tal Declaração teve por presságio os terrores da II Guerra Mundial os quais dizimaram milhares de pessoas, muitas delas, mortas em razão de concepções preconceituosas e discriminatórias, o que remete a questões envoltas ao suicídio, tema que ainda é um tabu, inclusive nas instituições acadêmicas.

Ao ingressar em uma instituição de ensino superior, o acadêmico passa por uma grande transição na vida, necessitando fazer diversas escolhas e construir projetos. Ao passar por essa mudança súbita de lugar social, eventualmente, acaba ficando mais vulnerável e passível de recorrer a comportamentos agressivos e, muitas vezes, impulsivos, podendo cogitar o suicídio como forma de solucionar seus problemas (Dutra, 2012).

O meio acadêmico pode ser um ambiente pouco acolhedor e aversivo o que pode levar os jovens a crises de ansiedade e depressão ou a criar fugas da realidade, fazendo abuso de álcool e de drogas, o que também é um fator de risco para a prática suicida (Dutra, 2012). Em grandes grupos no meio acadêmico, o jovem pode ter dificuldade de identificação, além da competição e da comparação intrínseca com outros acadêmicos, aumentando conflitos. Isso pode refletir em comunicação reduzida, o que possivelmente aumenta percepções erradas de suas potencialidades (Myers, 2014).

De acordo com a OMS, o estigma e o tabu gerados a respeito do suicídio podem fazer com que muitas pessoas se silenciem a respeito de seus pensamentos em tirar sua própria vida e fazer com que aquelas que tentaram suicídio não procurem ajuda profissional. Muitos estudantes já se encontram em situação de estresse devido à intensa vida acadêmica e a dificuldade em se comunicar pode ser um fator agravante (Dutra, 2012). Esses fatores conseqüentemente acabam colaborando para a prevalência do suicídio no meio acadêmico.

De acordo com o Centro de Valorização da Vida (CVV), o suicídio é multifatorial. Ou seja, o suicídio não é um ato que ocorre por um único motivo isolado, mas sim em decorrência de múltiplos fatores como, por exemplo: genético, transtornos psiquiátricos, transtornos de humor, ansiedade, bipolaridade e depressão, e fatores sociais como a história

de vida, cultura, gênero, questões econômicas, estruturais, fatores psicológicos e comportamentais (CVV, 2017).

A idade é também um fator a ser considerado; os dados apontam que o suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos (OMS, 2018). O suicídio pode ocorrer em momento de crise e de forma impulsiva (OMS, 2018). A folha informativa – Suicídio, atualizada em agosto de 2018, pela Organização Mundial de Saúde, aponta que “conflitos, desastres, violência, abusos ou perdas, senso de isolamento estão fortemente associados com o comportamento suicida”. Grupos vulneráveis que sofrem discriminação e pessoas privadas de liberdade também fazem parte da estatística associadas aos fatores de risco (OMS, 2018).

É um fator de risco importante a pessoa já ter tentado o suicídio (OMS, 2018). Porém outros fatores como o estigma, o tabu e a falta de consciência do suicídio também colaboram para o aumento das taxas de suicídio, fazendo com “que muitas pessoas que estão pensando em tirar suas próprias vidas ou que já tentaram suicídio não procurem ajuda e, por isso, não recebam o auxílio de que necessitam” (OMS, 2018).

Consumo de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas, isolamento, falta de interesse, mudanças bruscas no comportamento, sinais de depressão são comportamentos de risco suicida (OMS/OPAS 2017). Aspectos mais subjetivos como dificuldades de comunicação e falta de pertencimento social têm sido apontados como possíveis fatores desencadeantes do processo de ideação suicida (Braga, 2013).

Fatores de prevenção ao suicídio

Cerca de 90% dos casos de suicídios são evitáveis. Segundo a OMS, “existem medidas que podem ser tomadas junto à população, à subpopulação e também em níveis individuais para prevenir o suicídio e suas tentativas” (OMS, 2018). O suicídio, apesar de ser problema muito grave, parece silenciado e ainda é um tabu e, por isso, pode não ser discutido abertamente. Para a OMS essa discussão leva o indivíduo a refletir sobre o tema, fato esse que seria importante em prol da conscientização, e ainda, para alcançar progressos voltados para a prevenção (OMS 2018).

Segundo a OMS, cerca de 20% dos suicídios globais acontecem por autoenvenenamento. Outros métodos recorrentes são enforcamento, consumo de altas doses de medicamentos e uso de armas de fogo. Impedir o acesso fácil a tais métodos também é uma forma de prevenção ao ato. O centro de valorização da vida (CVV) aponta que identificar

os fatores de risco é uma das formas de prevenção já que, ao identificá-los, é possível a implantação de ações preventivas.

Aponta ainda que a discussão sobre o tema, informando a população sobre sinais, fatores de risco e tratamento, é uma importante forma de se prevenir o ato (CVV, 2017). Para a autora Fukumitsu, a não escuta e o não acolhimento são obstáculos para a prevenção ao suicídio. Discutir o tema possibilita o outro a se expressar, além de conscientizar a população como formas de prevenção. Segundo a autora, “o suicídio é um ato de comunicação que não pode receber acolhimento em vida e que, por consequência, confirma concretamente a descontinuidade do sentido de vida” (Fukumitsu, 2013, p.19).

Benincasa e Rezende (2006) abordam fatores de risco e de proteção em relação ao suicídio entre adolescentes, nos quais a não escuta e sentimento de desproteção está entre os fatores de risco e a comunicação eficaz está entre os principais fatores de proteção. Dutra (2012) alerta sobre importância do conhecimento do fenômeno suicídio no meio acadêmico e “assim, favorecer a criação de estratégias de cuidado e solicitude que possam acolher o aluno em sua dimensão existencial”.

Método

Quais fatores de risco que podem levar o universitário ao suicídio e quais medidas devem ser adotadas em prol da prevenção? Partindo-se de tal indagação, a pesquisa se embasa no estudo bibliográfico compilativo, e ainda, em documentos públicos cujos dados fornecem fundamento teórico à pesquisa de campo, aplicada por meio de questionários a universitários anapolinos, das classes sociais A, B e C, D e E.

Como caminho à prevenção e também à fundamentação teórica, propôs-se a leitura, em grupo, de obras, com foco no diálogo interdisciplinar do tema, envolvendo profissionais e acadêmicos de cursos e faculdades diversos. O grupo é cognominado de “Diálogos InterPsi”, cujas reuniões ocorrem a cada dois meses, com obras pré-definidas para a sua leitura e discussão, orientadas por profissional estudioso do autor escolhido para leitura.

Para a efetivação da pesquisa, esta partiu de estudos bibliográficos com o fim de obter embasamento teórico, por meio de leitura de textos científicos que permitiram a compreensão do fenômeno suicida por diferentes perspectivas que englobam diversas áreas do saber, em especial, da Sociologia, Psicologia, e também dos Direitos Humanos.

Estudos realizados apontam que o simples fato de se falar sobre o suicídio, de forma adequada, pode prevenir o ato, além de ajudar na quebra dos tabus e dos preconceitos em

relação ao tema. A atual pesquisa visa trabalhar a comunicação efetiva, desmitificar e combater o tabu em torno do tema, reforçado pela sociedade em suas diversas frentes, inclusive nos meios de comunicação.

Para tanto, o estudo se volta para uma pesquisa interdisciplinar, com foco nas possibilidades de medidas preventivas que resgatem à vida, em sua qualidade, o que se dará por meio de propostas educativas. Entre as propostas estão leituras de obras correlatas ao tema, além de debates que provoquem o diálogo e a conscientização dos envolvidos, o que se deu por meio de grupos de pesquisa, seminários, simpósios e afins, em especial, por meio de leituras no grupo Diálogos Interpsi. Esse embasamento teórico possibilitou formalizar a pesquisa de campo, efetivada por meio de aplicação de questionários aos universitários anapolinos, das diversas classes sociais.

A pesquisa foi realizada em horário comercial, levando em média 15 (quinze) minutos ao todo, desde explicação ao pesquisando sobre o tema da pesquisa até a finalização do processo. Os dados levantados foram analisados quantitativamente.

Participantes

A pesquisa teve como objetivo levantar dados referentes ao suicídio no meio acadêmico. Com esse fim foram aplicados 200 (duzentos) questionários de forma aleatória a estudantes maiores de 18 anos, das classes sociais A, B, C, D e E, dos gêneros feminino, masculino e não binário¹ de duas Instituições de Ensino Superior (IES), localizadas em Anápolis, Goiás.

Instrumentos

O projeto partiu da análise bibliográfica de obras que abordam o tema, de pesquisa documental de órgãos públicos sobre a realidade do suicídio no meio acadêmico, com fundamento nos Direitos Humanos, possibilitando assim a elaboração do questionário, cujo objetivo é analisar questões referentes a realidade dos estudantes locais.

O questionário utilizado aborda informações sobre dados socioeconômicos dos participantes e possui 20 (vinte) questões acerca de condutas suicidas e sua relação com a

¹ O termo não-binário é utilizado por pessoas que não se consideram inteiramente masculinas ou inteiramente femininas para descrever sua identidade de gênero (Centro Nacional de Igualdade Transgênero, 2016).

inserção no contexto acadêmico, apontando aspectos de vulnerabilidades quanto ao ato e suas tentativas; necessidade de apoio social no meio acadêmico; fatores de estresse, ansiedade, desgaste emocional, potencializados pelos participantes que se percebem pertencentes a grupos minoritários; além de abordar aspectos relacionados à resistência e ao receio referentes a abordagem do tema, especificamente, capazes de apontar dados acerca da prevalência, risco e prevenção dos casos de suicídio, objetos desta pesquisa.

Depois de formuladas perguntas destinadas à coleta de dados que indiquem a realidade da prática de condutas suicidas, foi realizada a pesquisa de campo. Foram aplicados 200 questionários em duas Instituições de Ensino Superior da cidade de Anápolis-GO. O questionário foi elaborado com alternativas fechadas e estruturadas com escala Likert de 1 a 5. Sendo que 1 - discordo totalmente; 2- Discordo; 3- Nem discordo nem concordo; 4- Concordo e 5- Concordo Totalmente.

Para sua aplicação, os questionários foram acompanhados do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Ao participante foi explicado sobre do que se tratava a pesquisa e os possíveis riscos, desconfortos e direitos que o indivíduo tem ao participar. Também foi garantida a confidencialidade dos dados referentes à identidade das pessoas.

Os dados foram coletados em locais de livre acesso. Os dados coletados foram analisados quantitativamente, e serão arquivados no período de 4 (quatro) anos após o qual serão incinerados.

Procedimentos

A partir do embasamento teórico, por meio de pesquisa bibliográfica e de pesquisa documental de órgãos públicos sobre a realidade do suicídio no meio acadêmico foi elaborado o questionário contendo 20 questões que abordam o referido tema.

A pesquisa de campo contou com a participação de 200 participantes acadêmicos de duas IES da cidade de Anápolis. Os participantes foram abordados em espaços públicos e de livre acesso às faculdades de maneira aleatória e convidados a participarem de maneira voluntária da pesquisa. Foi-lhes esclarecido que poderiam recusar em participar. Diante dessa possibilidade, esclareceu-se a importância da pesquisa como meio de se levantar dados acerca da realidade e das dificuldades encontradas sobre o tema suicídio no meio pesquisado.

Após uma breve explicação, buscando conscientizar o participante sobre a importância do tema foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Cada participante foi

esclarecido sobre o tema da pesquisa e os possíveis riscos, desconfortos e direitos que o indivíduo tem ao participar, além dos benefícios resultantes da pesquisa. A confidencialidade dos dados referentes à identidade das pessoas foi garantida ao participante.

Do mesmo modo, esclareceu-se ao voluntário que ele poderia desistir da pesquisa a qualquer momento. Após toda a explicação, e assinatura do termo de aceite, o questionário foi entregue para o participante responder as 20 perguntas preestabelecidas em formulário. A coleta de dados possibilitou uma avaliação objetiva acerca do suicídio no meio acadêmico, os possíveis fatores de prevalência, de risco e da existência ou não de medidas de prevenção quanto ao suicídio. Os dados coletados foram organizados em gráficos, segundo regras da estatística.

No estudo, o cálculo amostral considerou o número de participantes e os fatores condicionantes de vulnerabilidade presentes nas Instituições de Ensino Superior que tem influência sobre as condutas suicidas, e possíveis fatores preventivos que podem colaborar para a diminuição dos casos de suicídio entre jovens acadêmicos. O programa MsExcel 2013 foi utilizado para a elaboração dos gráficos e o pacote estatístico SPSS 21.0 (Statistical Package for Social Sciences) para análise dos resultados. As variáveis quantitativas foram apresentadas em forma de porcentagem.

A coleta de dados teve embasamento na fundamentação teórica que permitiu a sustentabilidade nos dados obtidos via pesquisa de campo, dando clareza para os resultados obtidos. Tais dados foram levantados no período de quatro meses para, a seguir, serem descritos e analisados. O projeto necessitou de 12 meses para chegar aos resultados apresentados e terá continuidade por mais 12 meses, finalizando no ano de 2020.

Os recursos utilizados durante a pesquisa foram: livros, artigos científicos, questionários, canetas, programas para computação dos dados, panfletos, entre outros. Além disso, foram realizadas reuniões com orientações para a construção da pesquisa, contando também com rodas de conversas, no grupo Diálogos InterPsi, com a presença de um debatedor estudioso sobre o tema proposto pelo grupo.

Resultados

Além da realização da pesquisa de campo, outros levantamentos foram realizados, tais como pesquisa documental de órgãos públicos sobre a realidade do suicídio no meio acadêmico e políticas de prevenção e apoio ao discente nas IES pesquisadas, por meio de entrevistas e de pesquisas disponíveis nas páginas institucionais. Com isso, ficaram

constatadas que ambas as instituições possuem políticas de prevenção e programas de apoio e atendimento ao acadêmico.

Analisando os dados sociodemográficos, dos 200 (duzentos) participantes que responderam o questionário, 116 (58%) foram mulheres; 80 (40 %) homens; 02 (1%) não-binários, e 2 (1%) participantes deixaram a questão em branco. Quanto à identidade sexual, 148 (74%) dos participantes se identificaram como heterossexual; 27 (13,5%) como homossexual; 13 (6,5%) como bissexual; 01 (0,5 %) assinalou na categoria outros; e 11 (5,5%) não responderam.

Em referência ao estado civil, 177 (88,5%) dos participantes responderam estarem solteiros. Em relação à habitação, 23 (11,5%) dos participantes responderam que moram sozinhos; 152 (78,5%) afirmaram residir com a família. A média salarial dos participantes foi de R\$ 2.882,71 (53,5%), outros 93 (46,5%) participantes deixaram a questão sobre a renda familiar em branco.

Participaram da pesquisa estudantes entre 18 a 52 anos de idade. 170 desses encontravam-se na faixa etária entre 18-24 anos. No que diz respeito à tentativa, 20 (10%) entrevistados em algum momento tentou contra própria vida. 08 (4%) não responderam essa questão, 09 (4,5%) não concordaram nem discordaram e outros 163 (81,5%) nunca cometeram tentativa de suicídio.

Dos 20 participantes que tentaram o suicídio, 19 o fizeram por mais de uma vez. Ou seja, 95% dos participantes que tentaram o suicídio, buscaram causar a própria morte em outro momento. Em relação à ideação suicida, 91 (46%) da população acadêmica avaliada, idealizou o suicídio em algum momento da vida.

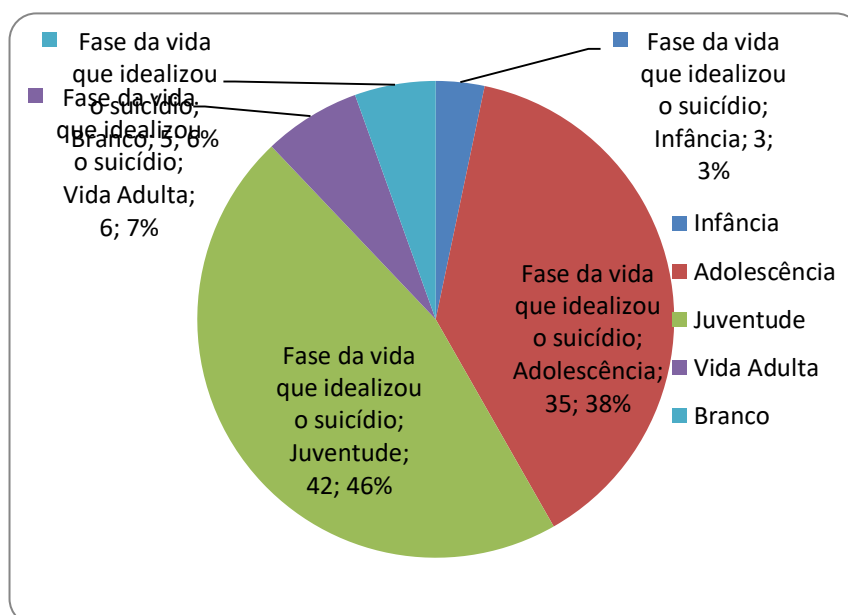
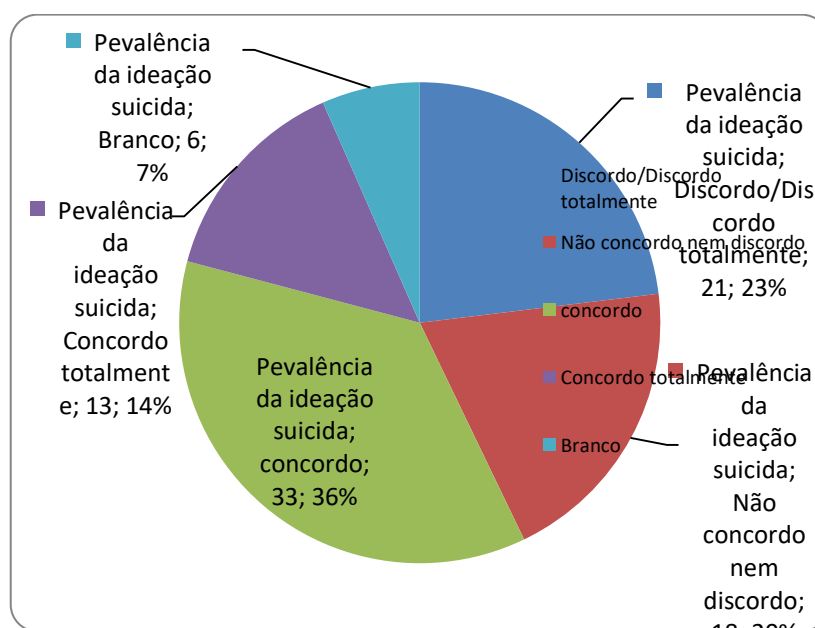


Gráfico 01. Fase da vida que idealizou o suicídio.

Fonte: Dados da pesquisa.

Dados da pesquisa revelam que 46% da população acadêmica avaliada já idealizou o suicídio em algum momento da vida. Foram considerados os dados de 91 participantes que responderam não concordar nem discordar; concordar e concordar totalmente. A variável “não concordo e nem discordo” foi considerada, pois os participantes dessa categoria responderam a faixa etária da idealização do suicídio.

Sobre o questionamento “em que fase da vida o suicídio foi idealizado?”, os dados do Gráfico 01 mostram que 42 (46%) das pessoas que idealizaram o suicídio o fizeram na juventude (18-23 anos). 35 (38%) afirmam que a idealização ocorreu na adolescência (13-18 anos). 06 (7%) dos participantes responderam que a idealização aconteceu na vida adulta. 03 (3%) responderam que a idealização ocorreu na infância (0-12 anos). 05 (6%) pessoas deixaram a questão em branco.

**Gráfico 02.** Prevalência da ideação suicida.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados do Gráfico 02 apontam que dos 91 participantes que já idealizaram o suicídio, 13 (14%) participantes concordam totalmente e 33 (36%) concordam que idealizaram mais de uma vez, totalizando 46 (50%) participantes nos quais a idealização ocorreu mais de uma vez. 18 (20%) acadêmicos que já idealizaram não concordam nem

discordam dessa afirmativa. 21 (23%) participantes discordam ou discordam totalmente que idealizaram o suicídio mais de uma vez. 06 (7%) pessoas dessa população deixaram a questão em branco ou não souberam responder.

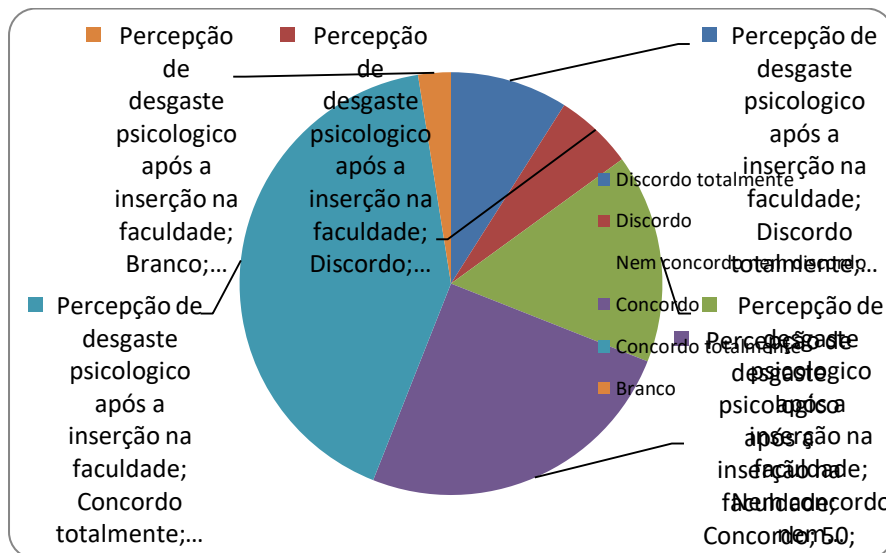


Gráfico 03. Percepção de desgaste psicológico após a inserção na faculdade.
Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 03, estão registrados os dados referentes à percepção de desgaste psicológico após o ingresso na faculdade; 133 (66%) dos 200 participantes da pesquisa afirmam que concordam totalmente, ou concordam que após o ingresso na faculdade sentiu desgaste psicológico; 32 (16%) pessoas disseram não concordar nem discordar da afirmativa; 30 (15%) participantes não concordam ou discordam totalmente; 3% deixaram a questão em branco.

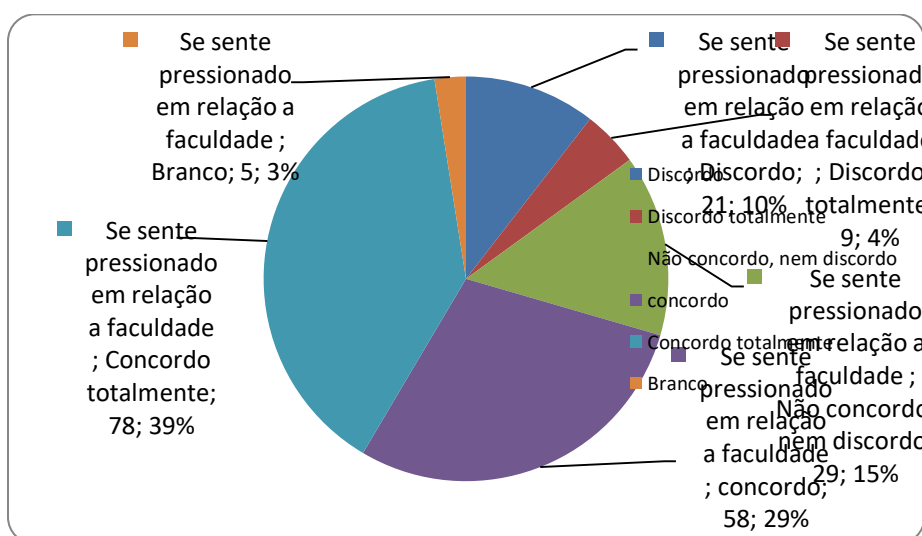


Gráfico 04. Pressão em relação à faculdade.
Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação a sentimentos de pressão sofridos pelos acadêmicos, o Gráfico 04 demonstra que 78 (39%) participantes concordam totalmente com a afirmativa sobre pressão em relação à faculdade; outros 58 (29%) concordam, totalizando 136 (68%) dos 200 membros participantes que admitem se sentir pressionados devido à vida acadêmica. 29 (15%) afirmaram não concordar nem discordar; 21 (10%) marcaram a opção discordo totalmente e outros 09 (4%) marcaram discordar da afirmativa; 05 (3%) acadêmicos não responderam a questão.

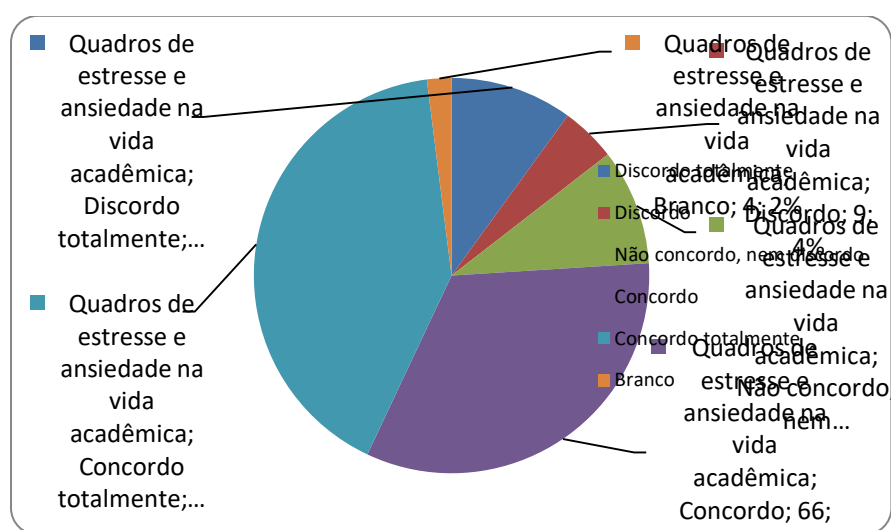


Gráfico 05. Quadros de estresse e ansiedade na vida acadêmica.

Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 05 indica resultados referentes a quadros de estresse e ansiedade sofridos pelos participantes no meio acadêmico. Dentre os 200 membros, 82 (41%) pessoas do público pesquisado concordam totalmente que já experienciaram o estresse e ansiedade ao longo da vida acadêmica; 66 (33%) também concordam com a asserção; 19 (10%) marcaram a opção não concordo nem discordo; outros 29 (14%) disseram não concordar ou discordaram totalmente, afirmando que nunca se sentiram estressados e/ou ansiosos em relação à faculdade; 04 (2%) avaliados da população deixaram a questão em branco.

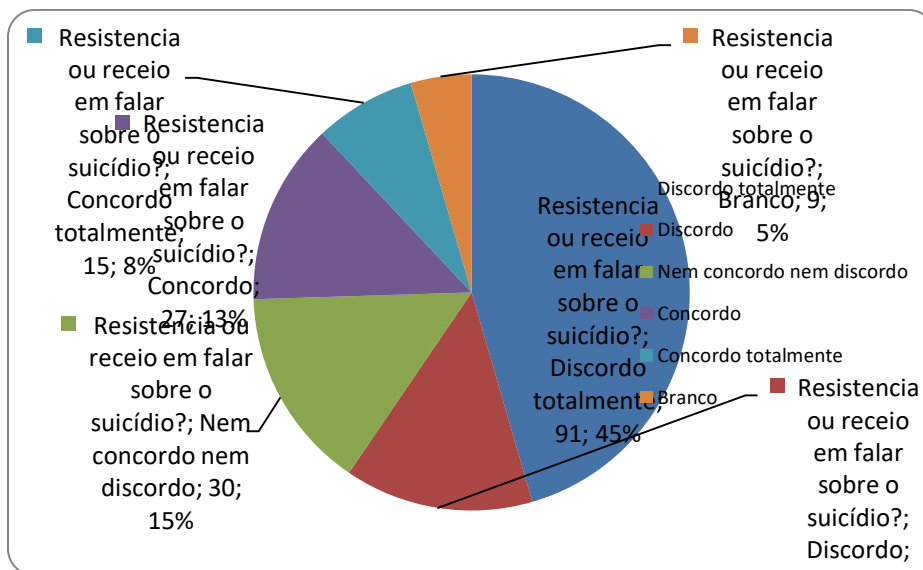


Gráfico 06. Resistência ou receio em falar sobre o suicídio.
 Fonte: Dados da pesquisa.

Para levantamento de dados referentes a questões de resistência ou desconforto em falar abertamente sobre o suicídio, o Gráfico 06 mostra os seguintes resultados: 91 (45%) acadêmicos discordam totalmente sobre o sentimento de resistência ou desconforto ao falar sobre o suicídio; Outros 28 (14%) participantes também discordam da afirmação; 30 (15%) acadêmicos marcaram a opção não concordo e nem discordo, mantendo-se neutros; 27 (13%) afirmam que concordam com a afirmação e 15 (8%) concordam totalmente que possuem resistência e receio em falar sobre o suicídio; 09 (5%) deixaram a questão em branco ou não souberam responder.

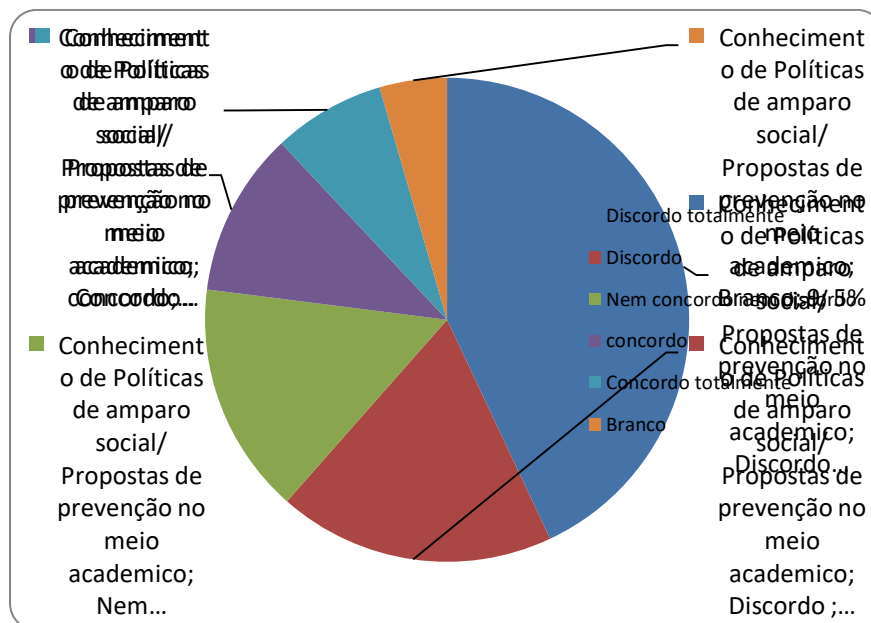


Gráfico 07. Conhecimento de Políticas de amparo social/ Propostas de prevenção no meio acadêmico.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os participantes foram questionados se possuem conhecimento sobre a existência de políticas de amparo social e proposta de prevenção ao suicídio no meio acadêmico. O Gráfico 07 apresenta os resultados obtidos: 86 (43%) acadêmicos desconhecem qualquer tipo de serviço de apoio aos discentes nas referidas instituições. Outros 37 (18%) discordam da afirmativa. 31 (15%) acadêmicos não concordam e nem discordam sobre a existência dessas políticas nas instituições. Somadas as variáveis concordo totalmente e concordo 37 (19%) acadêmicos sabem da existência dessas políticas de amparo social propostas de prevenção no meio acadêmico. 09 (5%) não responderam.

Discussão

A elaboração desse estudo é resultado de estudo bibliográfico e de debates no grupo interdisciplinar denominado “Diálogos InterPsi”, levantamento de dados e pesquisa de campo. Teve como objetivo identificar os possíveis fatores de risco, prevalência e a existência de políticas proteção e amparo ao acadêmico no meio universitário, fundamentado pelo aumento de casos de suicídio envolvendo universitários.

Aspectos como o tempo de estudo, pressões, e a conciliação de estudo com outros afazeres, comparações entre acadêmicos, ansiedade, dificuldade de comunicação uso de álcool e outras drogas como fuga da realidade são fatores presentes no meio acadêmico. A

expectativa em relação ao crescimento pessoal e profissional é um causador de fragilidades, influenciando diretamente a saúde e escolhas dos indivíduos (Dutra, 2012). 90% dos casos de suicídio podem ser evitados por meio de medidas preventivas, porém a prevenção do suicídio e o tema em geral não têm sido vistos de forma adequada devido à falta de consciência e conhecimento do tema como um grave problema de saúde pública.

No que diz respeito à tentativa, 20 (10%) participantes dessa pesquisa em algum momento tentaram contra a própria vida. Dessas 20 pessoas que tentaram o suicídio, 19 o fizeram por mais de uma vez. Ou seja: 95% dos participantes que tentaram o suicídio, fizeram-no em outro momento. Para a OMS, a pessoa já ter tentado o suicídio é o fator de risco mais importante (OMS, 2018).

O suicídio é a segunda causa de morte entre jovens 15 a 29 anos, faixa etária essa da grande maioria dos estudantes universitários; esses dados alarmantes mantêm crescimento (OMS, 2018). Informações levantadas na pesquisa apontam que 91 (46%) da população acadêmica avaliou idealizou o suicídio em algum momento da vida. Dessas 91, pessoas que idealizaram o suicídio 42 (46%) o fizeram na juventude (18-23 anos) e 35 (38%) afirmam que a idealização ocorreu na adolescência (13-18 anos).

Os levantados apontam que desses 91 participantes que já idealizaram o suicídio, em 46 (50%) houve uma prevalência dessa ideiação. O suicídio visto como tabu não é discutido abertamente, leva a sociedade a julgá-lo como algo banal, colaborando assim para a prevalência no meio acadêmico e conseqüentemente fazendo com que os indivíduos silenciem sua dor e resistam em buscar ajuda profissional e, com isso, não recebam o auxílio de que necessitam (OMS, 2018).

133 (66%) dos 200 participantes da pesquisa afirmam que após a inserção na faculdade sentiram desgaste psicológico; 136 (68%) dos 200 participantes se sentem pressionados devido à vida acadêmica e 148 (74%) afirmam que já sentiram o estresse e ansiedade diante da intensa vida acadêmica. Fatores de risco como esses podem deixar a população acadêmica mais vulnerável ao suicídio, já que, segundo Dutra (2012), esses indivíduos podem cogitar o suicídio como forma de solucionar seus problemas.

Crenças do senso comum denotam que a discussão sobre o suicídio pode influenciar o indivíduo ao ato, ou lhe causar algum desconforto e sofrimento. Segundo os dados levantados pela pesquisa, 119 (59%) dos 200 acadêmicos negam o sentimento de resistência ou desconforto ao falar sobre o tema suicídio. A comunicação, a escuta e o acolhimento são fatores importantes para a prevenção, e a discussão sobre o suicídio é indispensável, pois leva o indivíduo a refletir sobre, além de conscientizar a comunidade e família, alcançando assim

progressos voltados para a prevenção, além de ajudar na diminuição dos estereótipos e estigmas envoltos ao assunto (OMS 2018).

As duas instituições pesquisadas adotam políticas de prevenção e/ou programas de apoio e atendimento e acompanhamento ao acadêmico. Essa comprovação foi possível por meio de entrevista e informações disponibilizadas nas páginas institucionais. Ficou constatado que ambas as instituições possuem tais políticas que tem como objetivo acolher os discentes, oferecer apoio psicopedagógico e psicológico e, de maneira geral, ajudar e acompanhar o estudante em questões relacionadas à vida acadêmica, facilitando o seu dia a dia dentro da instituição por meio de núcleos assistências.

Todavia, quando questionados sobre tais núcleos assistenciais, 123 (61%) membros participantes da pesquisa afirmam desconhecer quaisquer condições de serviço de apoio aos discentes nas devidas instituições. Apenas 37 (19%) acadêmicos sabem da existência dessas políticas de amparo social no meio acadêmico.

O suicídio é um fenômeno extremamente complexo e de múltiplas determinações, que pode afetar indivíduos de diferentes origens, classes sociais, idades, orientação sexual e identidade de gênero. Informações da Associação Brasileira de Estudos e Prevenção de Suicídio (ABEPS) mostram que o suicídio ainda é tabu no Brasil, o que dificulta a sociedade, as mídias e as famílias falarem abertamente sobre o tema, o que seria um dos principais fatores de prevenção. Os estudantes universitários ao longo da vida acadêmica encontram diversas dificuldades, evidenciando a necessidade de uma oferta de serviço de orientação acompanhamento, debate e educação em saúde mental além da divulgação eficaz de tais serviços.

Considerações Finais

O suicídio ainda é tabu no Brasil, o que dificulta que a sociedade, as mídias, as famílias falem abertamente sobre o assunto. Dificulta também a existência de investimentos adequados em pesquisa e uma melhor compreensão do problema. Diante dos dados apresentados, tem-se que a contribuição e o apoio da sociedade, do Estado e o acompanhamento por parte das diversas esferas sociais são de extrema importância.

O estudo mostrou à importância de se trabalhar a prevenção no meio acadêmico. Uma abordagem isolada pode não impactar, de maneira ideal, nesse problema que tem tomado dimensões sociais tão graves. Por isso, demonstra-se nesse o quão importante é que diversas esferas do saber trabalhem de maneira abrangente e integrada a conscientização, as fragilidades humanas, promovendo e divulgando discussões, o que pode contribuir para resultados positivos e eficazes. O suicídio é uma questão complexa e, por isso, as medidas preventivas necessitam ser trabalhadas de maneira interdisciplinar, envolvendo essas diversas esferas da sociedade, incluindo saúde, educação, trabalho, justiça, lei, defesa, política e mídia (OMS, 2018).

Referências

- Benicasa, M. & Rezende, M.M (2006). *Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção*. Recuperado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100007
- Bertolote, J. M. (2012). *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Editora UNESP.
- Boletim Epidemiológico (2017). *Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde*, 48 (30). Recuperado de:
<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil->

epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf

Braga, L.L., & Dell’Aglío, D.D. (2013) Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. Recuperado de: <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/viewFile/ctc.2013.61.01/1533>

Durkheim, E. (1982) *O suicídio: estudo sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar.

Dutra, E. (2012). *Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade*. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013

Figueiredo R. M.; & Oliveira M. A. P. (1995) *Necessidades de estudantes universitários para implantação de um serviço de orientação e educação em saúde mental*. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11691995000100002&script=sci_abstract

Foucault, M. (1972). *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes.

Fukumitsu, K. O. & Scavacini, K. (2013) - *Suicídio e manejo psicoterapêutico em situações de crise: uma abordagem gestáltica*. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200007

Myers, D.G. (2014). *Psicologia Social*. Porto Alegre: Editora Amgh.

OMS & OPAS. (2018). *Suicídio é grave problema de saúde pública e sua prevenção deve ser prioridade*: Recuperado de: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5674:suicidio-e-grave-problema-de-saude-publica-e-sua-prevencao-deve-ser-prioridade-afirma-opas-oms&Itemid=839

Pereira, A. G., & Cardoso F. S. (2015) *Ideação suicida na população universitária: uma revisão da literatura*. Disponível em: <https://revistaepsi.com/wp-content/uploads/artigos/2015/Ano5-Volume2-Artigo2.pdf>

Sawaia, B. B. (2009) *Psicologia e desigualdade social: Uma reflexão sobre liberdade e transformação social*. Recuperado de: <http://www4.pucsp.br/nexin/artigos/download/psicologia-e-desigualdade-social.pdf>